

os seus romances. Basta pensar em Atar Gull, na Salamandra, em Plick e Plock etc.⁹.

2. O mistério da construção especulativa

O mistério da representação crítica dos "Mystères de Paris" é o mistério da construção especulativa, da construção hegeliana. Depois de ter esclarecido o "selvagemismo no seio da civilização" e a ausência de direitos no interior do Estado como "mistérios", quer dizer, depois de tê-los dissolvido na categoria "o mistério", o senhor Szeliga faz com que "o mistério" inicie seu ciclo vital especulativo. Poucas palavras haverão de ser suficientes para caracterizar a construção especulativa de um modo geral. O tratamento dos "Mystères de Paris" encaminhado pelo senhor Szeliga mostrará a aplicação em detalhe.

Quando, partindo das maçãs, das pêras, dos morangos, das amêndoas reais eu formo para mim mesmo a representação geral "fruta", quando, seguindo adiante, imagino comigo mesmo que a minha representação abstrata "a fruta", obtida das frutas reais, é algo existente fora de mim e inclusive o verdadeiro ser da pêra, da maçã etc., acabo esclarecendo – em termos especulativos – "a fruta" como a "substância" da pêra, da maçã, da amêndoa, etc. Digo, portanto, que o essencial da pêra não é o ser da pêra, nem o essencial da maçã é o ser da maçã. Que o essencial dessas coisas não é sua existência real, passível de ser apreciada através dos sentidos, mas sim o ser abstraído por mim delas e a elas atribuído, o ser da minha representação, ou seja, "a fruta". É certo que meu entendimento finito, baseado nos sentidos, distingue uma maçã de uma pêra e uma pêra de uma amêndoa, contudo minha razão especulativa considera esta diferença sensível algo não essencial e indiferente. Ela vê na maçã o mesmo que na pêra e na pêra o mesmo que na amêndoa, ou seja "a fruta". As frutas reais e específicas passam a valer apenas como frutas aparentes, cujo ser real é "a substância", "a fruta".

Por esse caminho não se chega a uma riqueza especial de determinações. O mineralogista, cuja ciência inteira limita-se ao fato de que todos os minerais na

verdade são o mineral, seria um mineralogista... em sua imaginação. Pois bem, o mineralogista especulativo vê "o mineral" em qualquer mineral e sua ciência limita-se a repetir essa palavra tantas vezes quantas houver minerais reais.

A especulação, que converte as diferentes frutas reais em uma "fruta" da abstração, na "fruta", tem de, para poder chegar à aparência de um conteúdo real, necessariamente tentar – e de qualquer maneira – retornar da "fruta", da substância, para os diferentes tipos de frutas reais e profanas, para a pêra, a maçã, a amêndoa etc. É tudo que há de fácil no ato de chegar, partindo das frutas reais para chegar à representação abstrata "a fruta", há de difícil no ato de engendrar, partindo da representação abstrata "a fruta", as frutas reais. Chega a ser impossível, inclusive, chegar ao contrário da abstração ao se partir de uma abstração, quando não desisto dessa abstração.

Por isso o filósofo especulativo desiste da abstração da "fruta", porém desiste dela de um modo especulativo, místico, ou seja, mantém a aparência de não desistir dela. Na realidade, portanto, ele apenas abandona a abstração de maneira aparente. Ele raciocina a respeito disso mais ou menos conforme segue:

Se a maçã, a pêra, a amêndoa, o morango na verdade não são outra coisa que "a substância", "a fruta", cabe perguntar-se: como é que "a fruta" por vezes se me apresenta na condição de maçã e por outras na condição de pêra ou amêndoa? de onde provém esta aparência de variedade, que contradiz de modo tão sensível a minha intuição especulativa da unidade, "da substância", "da fruta"?

Isso provém, responde o filósofo especulativo, do fato de que "a fruta" não é um ser morto, indiferenciado, inerte, mas sim um ser vivo, diferenciado, dinâmico. A diferença entre as frutas profanas não é importante apenas para o meu entendimento sensível, mas o é também para "a própria fruta", para a razão especulativa. As diferentes frutas profanas são outras tantas manifestações de vida da "fruta una", cristalizações plasmadas "pela própria fruta". Na maçã, por exemplo, "a fruta" adquire uma existência maçãica, na pêra uma existência pêrica¹⁰. Não devemos mais dizer, portanto, como dizíamos do ponto de vista da substância, que a pêra é "a fruta", que a maçã, ou a amêndoa etc., é "a fruta", mas sim que "a fruta" se apresenta na condição de pêra, na condição de maçã ou amêndoa, e as diferenças que separam entre si a maçã da amêndoa ou da pêra são, precisamente, distinções entre "a própria fruta", que fazem dos frutos específicos outras tantas fases distintas no processo de vida "da fruta" em si. "A fruta" já não é mais, portanto, uma unidade carente de conteúdo, indiferenciada, mas sim uma unidade na condição de "totalidade" das frutas, que acabam formando uma "série organica-

⁹ A ironia de Marx atinge também Eugène Sue, autor medíocre de romances-folhetins da primeira metade do século XIX. Através de seus personagens, Sue seguia o mandamento de abordar os aspectos mais sensacionalistas da vida urbana. Se a "sagrada família" tentava provar que Proudhon já estava superado e ao mesmo tempo louvava os romances de Sue como retratos precisos da realidade humana, Marx e Engels têm opinião absolutamente oposta. Eles vêem em Proudhon a tentativa genial – ainda que limitada –, encaminhada por um proletário, de criticar radicalmente a economia da época através dos meios da economia política. Nos romances de Sue eles não logram constatar – aliás com toda a razão do mundo – mais do que a repetição, nem muito talentosa, da moral cristã, cuja única proposta para solucionar a miséria da sociedade industrial precoce resumia-se à pregação da humildade, do amor, da doação e do arrependimento. (N.T.)

¹⁰ No original, Marx (autor deste capítulo inteiro) também utiliza neologismos, reforçando o caráter irônico de sua explicação e de sua brilhante retórica da repetição. (N.T.)

mente estruturada". Em cada fase dessa série "a fruta" adquire uma existência mais desenvolvida e mais declarada, até que, ao fim, na condição de "síntese" de todas as frutas é, ao mesmo tempo, a *unidade* viva que contém, dissolvida em si, cada uma das frutas, ao mesmo tempo em que é capaz de engendrar a cada uma delas, assim como, por exemplo, cada um dos membros do corpo se dissolve constantemente no sangue ao mesmo tempo em que é constantemente engendrado por ele.

Vê-se bem: se a religião cristã apenas sabe de *uma* encarnação de Deus, a filosofia especulativa possui um número infinito de encarnações, correspondente ao número de coisas existentes, conforme revela o fato de que em cada fruta ela vê uma encarnação da substância, da fruta absoluta. O que interessa fundamentalmente à filosofia especulativa é, portanto, o ato de engendrar a existência dos frutos reais e profanos e o fato de dizer de um modo misterioso que há maçãs, pêras, amêndoas e passas. Mas as maçãs, as pêras, amêndoas e passas que voltamos a encontrar no mundo especulativo não são mais do que maçãs *aparentes*, pêras *aparentes*, amêndoas *aparentes* e passas *aparentes*, pois são momentos vitais "da fruta", desse *ser intelectual* abstrato e, portanto, *seres intelectivos* abstratos elas mesmas. O que alegria na especulação é, por conseguinte, voltar a encontrar todas as frutas reais, porém na condição de frutas dotadas de uma significação mística mais alta, frutas que brotam do éter de teu¹¹ próprio cérebro e não do solo material, que são encarnações "da fruta", do *sujeito absoluto*. Portanto, quando retornas da abstração, do *ser intelectual sobrenatural* - "a fruta" - às frutas *naturais*, o que tu fazes, ao contrário, é atribuir também às frutas naturais um significado sobrenatural, transformando-as em puras abstrações. Teu interesse fundamental é, no final das contas, provar a *unidade* "da fruta" em todas essas suas manifestações vitais, a maçã, a pêra, a amêndoa, quer dizer, a *conexão mística* entre essas frutas e como em cada uma delas se realiza, *gradual e necessariamente*, "a fruta", como, por exemplo, a passa progride de sua existência de passa à sua existência de amêndoa. O valor das frutas profanas *não mais* consiste, por isso, em suas características *naturais*, mas *sim* em sua característica *especulativa*, através da qual ela assume um lugar determinado no processo vital "da fruta absoluta".

O homem comum não acredita estar dizendo nada de extraordinário quando diz que há maçãs e há peras. Mas o filósofo, quando expressa a referida existência de maneira especulativa, diz algo *extraordinário*. Ele realizou um *milagre*, ele engendrou do seio do *ser intelectual* irreal "a fruta", os *seres natu-*

¹¹ Brilhante ironia. Marx muda o tratamento da pessoa repentinamente, invocando de maneira direta o leitor - com o uso do tu -, como se quisesse deixar claro que a Crítica crítica pouco a pouco vai envolvendo - e inclusive logra envolver - os leitores que ela invoca através de sua argumentação capciosa. (N.T.)

rais reais maçã, pêra etc.; ou seja, ele *criou* essas frutas do seio de seu *próprio intelecto abstrato*, que ele representa para si mesmo como um sujeito absoluto fora de si - no caso concreto como "a fruta" - e em cada existência que expressa ele leva a cabo um ato de criação.

Naturalmente resta dizer que o filósofo especulativo apenas leva a cabo essa contínua criação ao encaixar furtivamente, como se fossem determinações *inventadas por ele mesmo*, propriedades da maçã, da pêra etc. que são conhecidas universalmente e apresentadas à intuição real, atribuindo os *nomes* das coisas reais àquilo que apenas o intelecto abstrato pode criar, ou seja, às fórmulas abstratas do intelecto; declarando, enfim, sua *própria* atividade, através da qual *ele passa* da representação maçã à representação pêra, como a *auto-atividade* do sujeito absoluto, "da fruta".

A essa operação dá-se o nome, na terminologia especulativa, de conceber a *substância* na condição de *sujeito*, como *processo interior*, como *pessoa absoluta*, concepção que forma o caráter essencial do método *hegeliano*.

Era necessário adiantar essa observação a fim de possibilitar a compreensão do senhor Szeliga. Se até agora o senhor Szeliga dissolvia relações reais na categoria do mistério, como por exemplo o direito e a civilização, transformando assim "o mistério" em substância, é só agora que se eleva à altura verdadeiramente especulativa - à altura *hegeliana* -, convertendo "o mistério" em um sujeito independente, que se *encarna* nas situações de pessoas reais, e cujas manifestações de vida são condessas, marquesas, griseses¹², porteiros, notários, charlatães e intrigas amorosas, bailes, portas de madeira etc. Depois de engendrar a categoria "o mistério" a partir do seio do mundo real, ele engendra o mundo real a partir dessa categoria.

E os mistérios da *construção especulativa* se revelam de um modo tanto *mais visível* na exposição do senhor Szeliga, quanto mais pelo fato de ele ter uma *dupla* vantagem sobre Hegel. De um lado Hegel sabe representar o processo pelo qual o filósofo passa de um objeto a outro através da intuição insensível e da representação, com maestria sofisticada, como se fosse o processo do mesmo ser intelectual imaginado, do sujeito absoluto. Mas depois disso Hegel costuma oferecer, dentro da exposição *especulativa*, uma exposição *real*, através da qual é possível captar a *própria coisa*. E esse desenvolvimento *real* dentro do desenvolvimento especulativo induz o leitor, equivocadamente, a tomar o desenvolvimento especulativo como se fosse real e o desenvolvimento real como se fosse especulativo.

No senhor Szeliga ambas as dificuldades deixam de existir. Sua dialética é isenta de qualquer hipocrisia e tergiversação. Ele realiza sua peça artística com uma honradez assaz digna de louvor e com a mais singela das retidões

¹² Moça que veste grise (tecido de lã pardacento usado em certos hábitos monásticos); por extensão, empregada faceira. (N.T.)

bondosas. O que ocorre é que não desenvolve, em parte nenhuma, um conteúdo real, de modo que nele a construção especulativa aparece sem nenhum adiantamento estranho que a desequilibre, sem nenhum tapume de duplo sentido, brilhando ante os nossos olhos em toda sua beleza nua. No senhor Szeliga também se mostra de um modo brilhante como a especulação de um lado cria seu objeto a priori, aparentemente livre e a partir de si mesma, mas de outro lado, precisamente ao querer eliminar de maneira sofista a dependência racional e natural que tem em relação ao objeto, demonstra como a especulação cai na servidão mais irracional e antinatural sob o jugo do objeto, cujas determinações mais casuais e individuais ela é obrigada a construir como se fossem absolutamente necessárias e gerais.

3. "O mistério da sociedade culta"

Depois de nos haver conduzido através das camadas mais baixas da sociedade, levando-nos por exemplo às tavernas dos criminosos, Eugène Sue nos dirige à haute volée¹³, em um baile no Quartier Saint-Germain¹⁴.

O senhor Szeliga constrói essa transição conforme segue:

O mistério trata de se subtrair à consideração através de uma... reviravolta. Até agora ele se dava a conhecer como o absolutamente enigmático, que escapava a toda possibilidade de ser segurado ou captado, como o negativo, em oposição ao verdadeiro, ao real, ao positivo; agora ele se introduz nos mesmos como se fosse seu conteúdo invisível. Com isso abandona também a possibilidade incondicional de chegar a ser conhecido.

"O mistério", que até agora se contrapunha ao "verdadeiro", ao "real", ao "positivo", ou seja, ao direito e à cultura, "agora se introduz neles", ou seja, na região da cultura. Que a haute volée é a região exclusiva da cultura é um mystère; se não um mystère de Paris, pelo menos um mystère para Paris. O senhor Szeliga não passa dos mistérios do mundo criminoso para os mistérios da sociedade aristocrática, mas "o mistério" torna-se o "conteúdo invisível" da sociedade culta, a sua verdadeira essência. Isso não é "nenhuma nova reviravolta" do senhor Szeliga, a fim de poder emendar mais um punhado de considerações, mas é "o segredo" que adota essa "nova reviravolta" a fim de se subtrair à consideração.

O senhor Szeliga, antes de seguir realmente a Eugène Sue para onde o manda seu coração – quer dizer, a um baile aristocrático –, ainda segue usando as reviravoltas hipócritas da especulação, construídas a priori.

Certamente pode-se prever que gabinete seguro "o segredo" haverá de eleger para seu esconderijo e, de fato, parece que ele é de uma insuperável

¹³ "Alta sociedade." (N.E.A.)

¹⁴ Bairro (quartier) nobre de Paris. (N.T.)

impenetrabilidade... que... disso pode-se supor, que sobretudo... todavia, é imprevidível aqui uma nova tentativa de fazer o grão vir à luz.

Basta, o senhor Szeliga chegou tão longe que o

sujeito metafísico, o mistério – agora se apresenta leve, desinibido e coquete.

A fim de transformar a sociedade aristocrática em um "mistério", pois, o senhor Szeliga agora ataca com algumas reflexões acerca da "cultura". Pressupõe para isso uma série de qualidades da sociedade aristocrática que ninguém procura nela, para descobrir ao fim o "mistério" de que ela não possui tais qualidades. E logo apresenta essa descoberta como se fosse o "mistério" da sociedade culta. Assim, por exemplo, o senhor Szeliga se pergunta se "a razão geral" – não será, por acaso, a lógica especulativa? – formará o conteúdo de seus "entretimentos cultos", se serão apenas o ritmo e a medida do amor" os que "fazem dela um todo harmônico", se o "que chamamos de cultura geral será a forma do geral, eterno, ideal", quer dizer, se o que chamamos de cultura será uma figuração metafísica... E não custa muito trabalho ao senhor Szeliga profetizar a priori, em resposta a suas perguntas:

Cabe esperar, ademais... que a resposta seja negativa.

No romance de Eugène Sue a transição do mundo baixo ao mundo elevado é uma transição comum de romance. Os *disfarces de Rodolfo*, príncipe Geroldstein¹⁵, conduzem-no às camadas mais baixas da sociedade assim como sua posição lhe dá acesso a seus círculos mais altos. A caminho do baile aristocrático, não são, de maneira nenhuma, os contrastes da situação atual do mundo que o põem a refletir; mas são seus próprios mascaramentos contrastantes que lhe parecem picantes. Ele comunica a seus dóceis acompanhantes quão interessante se acha a si mesmo nas diferentes situações.

Je trouve [ele diz] assez de piquant dans ces contrastes: un jour peintre en éventails, m'établant dans un bouge de la rue aux Fèves; ce matin commis marchand offrant un verre de cassis à madame Pipelet, et ce soir... un des privilégiés par la grâce de dieu, que règnent sur ce monde.¹⁶

Uma vez conduzida ao baile, a Crítica crítica canta:

O juízo e os sentidos quase que se me vão,
Ao me ver entre potentados, aqui ao chão!¹⁷

¹⁵ No romance *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue: Geroldstein. (N.E.A.)

¹⁶ "Encontro algo excitante nesses contrastes; um dia, pintor de leques estabelecido numa taverna comum na Rua das Favas; pela manhã, dependente de comércio que oferece um copo de licor de cassis a madame Pipelet, e pela parte da tarde... um dos privilegiados que, pela graça de Deus, reinam sobre este mundo." (N.E.A.)

¹⁷ A ironia de Marx vai fundo; aqui ele usa dois versos do *Fuusto*, de Goethe. Ver Primeira Parte, Cena Sexta, "A cozinha das bruxas". (N.T.)